

Intertextualidade e argumentação em textos de mídia digital

Evandro de Melo Catelão^{*}
Fabio André Cardoso Coelho^{**}
Herbertt Neves^{***}

Resumo: Neste estudo pretendemos realizar um exame da intertextualidade como recurso argumentativo em textos de mídia digital. Partimos, assim, do pressuposto de que a intertextualidade compreende a realização de atividades cognitivas, discursivas e textuais nos processos de interação. Nesses limites, pensamos numa proposta de análise intertextual a serviço da argumentatividade, refletindo sobre como algumas postagens do @assistabolsoflix (Instagram) são construídas tendo em vista aspectos de sua natureza compósita (híbrida/digital). Para tanto, a abordagem teórica seguirá aliando autores de linha textual e argumentativa/discursiva. Um exame preliminar permitiu identificar marcas de intertextualidade (*détournement*) como parte de alteração da orientação argumentativa do texto-fonte.

Palavras-chave: Postagens de Instagram. Intertextualidade. Argumentação.

Abstract: In this study we intend to carry out an examination of intertextuality as an argumentative resource in digital media texts. We understand that intertextuality comprises the performance of cognitive, discursive and textual activities in the interaction processes. We thought of a proposal for intertextual analysis at the service of argumentativeness, reflecting on how some @assistabolsoflix (Instagram) posts are built in view of aspects of their composite nature (hybrid/digital). The theoretical approach will continue to combine authors of textual and argumentative/discursive lines. A preliminary examination allowed the identification marks of intertextuality (*détournement*) as part of the argumentative orientation of the text.

Keywords: Instagram posts. Intertextuality. Argumentation.

Résumé: Dans cette étude, nous avons l'intention de procéder à un examen de l'intertextualité en tant que ressource argumentative dans les textes numériques. Nous partons de l'hypothèse

^{*} Professor adjunto da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UFTPR) e Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da UFTPR. Membro do Grupo de Pesquisa Protexto (UFC/CNPq). <http://orcid.org/0000-0003-3006-5051> / E-mail: evandrocatelao@gmail.com.

^{**} Professor Adjunto de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF). <http://orcid.org/0000-0003-1288-6868> / E-mail: fabiocoelho1976@gmail.com.

^{***} Professor de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), onde atua na Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Língua Portuguesa e Francesa e no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino. <http://orcid.org/0000-0002-4454-2755> / E-mail: herbertt_port@hotmail.com.



que l'intertextualité comprend la réalisation d'activités cognitives, discursives et textuelles dans les processus d'interaction. Nous pensons à une analyse intertextuelle au service de l'argumentation, réfléchissant à la manière dont certains posts de @assistabolsoflix (Instagram) sont construits au regard des aspects de leur nature composite (hybride/numérique). L'approche théorique combine auteurs de lignes textuelles et argumentatives/discursives. Un examen a permis d'identifier des marques d'intertextualité (détournement) dans le cadre d'un changement d'orientation argumentative du texte.

Mots-clés : Messages Instagram. Intertextualité. Argumentation.

Introdução

Para este trabalho, assumimos um princípio semelhante ao que defendem Cavalcante *et al.* (2020), a respeito da inclusão da intertextualidade como estratégia argumentativa. Esse princípio se instaura, principalmente, no que diz respeito às macroações argumentativas e ao curso do convencimento e da persuasão, visadas que perpassam boa parte das discussões que vêm sendo realizadas em Linguística Textual (LT) no Brasil. Sobre a argumentação, os pesquisadores de LT, em busca de descrever os processos de construção textual e dos sentidos, têm vinculado diferentes arcabouços teóricos, mas, sem dúvida, o principal segue o que é discutido por Amossy (2018) para a Teoria da Argumentação nos Discursos (TAD), em particular no uso de noções da retórica e nova retórica em busca dessas compreensões. É nesse âmbito que nos apoiamos, pensando ora nas estratégias argumentativas em busca da persuasão, ora nos fundamentos languageiros que imprimem ao ato de argumentar marcas semânticas, enunciativas e pragmáticas, as quais, discursivamente, permeiam outras noções como a de formação discursiva e interdiscursividade (ADAM, 2011; 2020).

Não longe dessas últimas noções, podemos inferir que o ato de persuadir pode, em sua transmutação como texto, ser observado em diferentes proporções que Adam (2020), por exemplo, situa, na Análise Textual dos Discursos (ATD), em sua denominação de proposição-enunciado, unidade mínima de sentido (microunidade enunciativa e textual). Segundo o autor, a proposição-enunciado é constituída pelas representações discursivas, pela assunção de responsabilidade enunciativa e pela

orientação argumentativa. *Grosso modo*, essas três dimensões asseguram à proposição a observação do que é dito, por quem é dito e as potencialidades argumentativas dos enunciados, respectivamente. Em LT, essas dimensões têm sido estudadas, por exemplo, como processos referenciais e progressão temática, heterogeneidades enunciativas e ponto de vista, valor argumentativo dos enunciados e microatos de discurso.

Unindo TAD e ATD, para este trabalho, acreditamos que as intertextualidades assumem função também argumentativa, as quais trataremos como estratégias argumentativas em busca da persuasão. Nesse sentido, temos como questões-problema: como a intertextualidade aparece em postagens do perfil @assistabolsoflix, na rede social *Instagram*, e como elas poderiam ser descritas em termos textuais/discursivos, segundo a ação visada pelo locutor/enunciador? O objetivo principal deste trabalho apoia-se em realizar um exame da intertextualidade como recurso argumentativo em textos de mídia digital. De modo específico, pretendemos i) indicar e descrever o uso de *détournement* em postagens de mídia digital; ii) demarcar o fenômeno intertextual em função das estratégias argumentativas para a persuasão/convencimento; e, por fim, iii) descrever aspectos textuais (valor de referência, orientação argumentativa e o tipo de assunção de responsabilidade enunciativa) como pontos de visada argumentativa e de construção da argumentação.

Trataremos de observar esse fenômeno linguístico nas ocorrências textuais da mídia digital, mais especificamente no perfil @assistabolsoflix do *Instagram*, de modo a apontarmos características intertextuais que nos levam a procedimentos de leitura produtivos e ressignificativos a serviço da Argumentação. Para isso, destacaremos a noção do *détournement* (KOCH, 2004), verificaremos como ele se realiza nos exemplos selecionados e analisaremos os mecanismos utilizados na passagem dos textos-fonte para os textos publicados na rede social, na tentativa de elencar as categorias linguísticas atuantes nas caracterizações do *détournement*.

Vale ressaltar o interesse por um *corpus* digital justificado pelo lugar que as interações no ciberespaço assumem na sociedade contemporânea. Tais interações caracterizam-se, além da transmissão de significados, pela realização de ações de negociações mútuas de identidades, o que passa pela compreensão das regras sociais

próprias desses ambientes (FÁVERO *et al.*, 2010). Entender essas regras é um passo importante para a interpretação das relações textuais/discursivas que se estabelecem na Internet, ambiente de alta importância na dinâmica social de hoje.

No que diz respeito especificamente à rede social analisada, o *Instagram*, ele se constitui como um ambiente de múltiplas funções, uma vez que, embora tenha surgido como página de interações pessoais, na qual se publicam fotos da vida cotidiana, acabou ganhando outras funcionalidades ligadas a outros domínios da atividade humana. Surgiram, então, perfis de grupos jornalísticos, comerciais, organizações sociais diversas, *etc.* que usam o *Instagram* como meio de divulgação de seu trabalho, fazendo com que um grande número de interlocutores tenham acesso ao conteúdo que é produzido por eles. São frequentes, então, páginas de humor/expressão do ponto de vista, como a que é foco deste estudo, um dos motivos por que se faz relevante o entendimento de como fenômenos textuais/discursivos como a intertextualidade são construídos nos textos que nelas circulam.

Para realização desta pesquisa, organizamos este texto em 5 (cinco) seções. Após esta introdução, em que traçamos os direcionamentos gerais da investigação, apresentamos duas seções teóricas. Na segunda parte do artigo, discorremos sobre a noção de intertextualidade a partir de uma visão sociointeracional, principalmente a partir de Koch, Bentes e Cavalcante (2007). Na terceira parte, procedemos a reflexões sobre como a argumentação é responsável pela geração de sentidos no texto, a partir sobretudo dos postulados de Amossy (2018) e Adam (2011; 2019; 2020). Em seguida, na quarta seção do artigo, desenvolvemos o percurso metodológico e a análise dos dados, mostrando como intertextualidade e argumentação se articulam na construção de ideias em postagens do Instagram. Por fim, apresentamos as considerações finais a que chegamos a partir dessas análises.

A intertextualidade para a construção de sentidos

Como dito, assumimos neste estudo que a intertextualidade é uma estratégia importante para a construção dos sentidos nos textos. Inicialmente, ressaltamos que ela é constitutiva de todo e qualquer discurso (discutidos em linhas próximas com outras noções como a de dialogismo, heterogeneidade constitutiva, polifonia, por exemplo), além de observamos suas possibilidades de ocorrências e a noção de *détournement* numa proposta revisitada e aplicada aos textos selecionados no *corpus* deste trabalho. Nesse sentido, há de se entender esse fenômeno com o objetivo de “levar o interlocutor a ativar o enunciado original, para argumentar a partir dele; ou então ironizá-lo, ridicularizá-lo, contraditá-lo, adaptá-lo a novas situações ou orientá-lo para outro sentido, diferente do sentido original” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p. 45). Complementarmente ao que vínhamos discutindo anteriormente, a noção de intertextualidade se aplica também em outras instâncias, como vamos refletir, tanto para a argumentatividade, quanto para a geração de sentido das proposições que são apresentadas.

Conforme nos aponta Claude Duchet (1971, p. 54), “Não existem textos puros”. Partimos dessa premissa para pensarmos nas relações que os textos estabelecem com produções anteriores, o que nos motiva a realizarmos as variadas leituras, a tornarmos os textos perceptíveis e receptíveis. Entendemos que a legibilidade de um texto passa pelo fenômeno da intertextualidade, assim como Vigner (1988), pois, segundo o autor, “Só é legível o já lido” (VIGNER, 1988, p. 32). É como se uma espécie de fios mantivesse, a todo instante, uma conectividade temática, estrutural e funcional para que outros textos pudessem existir. É também Vigner (1988) que nos traz a ideia de que a intertextualidade, ao longo dos tempos, define os caminhos de possibilidades em que o novo texto se realizará e passará a adquirir sentidos. A criação textual passa por um pensamento ideológico, e isso nos encaminha para o entendimento de que, assim como afirmam Barthes (1974) e outros, todo texto é um intertexto e de que outros textos estarão presentes na composição de outros escritos, evidenciando que nenhum texto é, de fato, totalmente original.

Para Koch (2004), a intertextualidade é compreendida como um dos grandes temas estudados na LT, e isso se confirma por meio das diversas pesquisas realizadas até os dias atuais, na tentativa de se aprimorarem e ampliarem as análises textuais. Em seus

estudos, a autora retoma e reitera a ideia de que são inevitáveis as marcas do outro naquilo que dizemos e escrevemos. Com o intuito de investigar sobre as ocorrências intertextuais, a autora propõe uma classificação de tipos de intertextualidade em que destacamos a *stricto sensu*, ou seja, “quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva (*domínio estendido de referência*, cf. Garrod, 1985) dos interlocutores” (KOCH, 2004, p. 145-146, grifos da autora).

Nessa concepção, apresentam-se as intertextualidades explícita e implícita, e a distinção entre elas se dá pela presença ou ausência da fonte do intertexto. No primeiro caso, podemos exemplificar as ocorrências explícitas em citações, resumos, entre outros casos, assim como em situações comunicativas de interação face a face, em que se busca apoiar, retomar ou desdizer o outro interlocutor. No segundo caso, da intertextualidade implícita, interessa-nos para esse estudo observar, como diz Koch (2004), de que maneira o intertexto alheio é introduzido,

[...] com o objetivo quer de seguir-lhe a orientação argumentativa, quer de colocá-lo em questão, para ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário (Grésillon & Maingueneau, 1984, falam em valor de *captação* e valor de *subversão*, respectivamente). (KOCH, 2004, p. 146, grifos da autora).

Há de se distinguir essas proposições feitas por Grésillon e Maingueneau (1984), pois elas se apresentam associadas às ideias postuladas por Koch (2004), coorientadoras das nossas propostas de análises. A primeira, a captação, se dá quando as paráfrases se apresentam aproximando o texto de seu texto-fonte; na segunda, a subversão, temos as paródias, os enunciados irônicos e outras proposições textuais em que percebemos a forte criticidade. Para efeitos das abordagens aqui propostas, reiteramos nossa tentativa de explicitar alguns procedimentos utilizados pelo locutor/enunciador na construção de sentido pretendida pelo texto. Para isso, ressaltamos a importância da apreensão do texto-fonte selecionado pelo produtor do material intertextual.

Ainda sobre o assunto, Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 94) afirmam que as proposições se apresentam como “duas estratégias opostas de reinvestimento

(Maingueneau, 1991, p. 155) de um texto ou de um gênero de discurso em outros”. É esse reinvestimento que selará a percepção entre produtor e destinatário do mesmo texto-fonte. Os autores ainda afirmam que tanto a captação como a subversão podem ser interpretadas de forma ambígua. O que há de se considerar é que a subversão nos apontará para um certo reconhecimento daquilo que foi reinvestido.

Nesse sentido, acreditamos que a noção de *détournement*, termo criado por Grésillon e Maingueneau (1984), de origem francesa e que não apresenta uma tradução específica em língua portuguesa, poderia ser aplicada às análises pretendidas, pois, como nos diz Koch, o objetivo desse fenômeno intertextual é “levar o interlocutor a ativar o texto original, para argumentar a partir dele; ou então, ironizá-lo, ridicularizá-lo, contraditá-lo, adaptá-lo a novas situações, ou orientá-los para outro sentido, diferente do sentido original” (KOCH, 2004, p. 148). Essa premissa poderia ressaltar também outras marcas por esse viés argumentativo advindas dos valores representativos, de ordem enunciativa ou com as orientações argumentativas da(s) proposição(ões) original(is), como descreveremos para os limites de análise textual e argumentativa na próxima seção.

Chamamos a atenção no que Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 45) denominam sobre o conceito, reiterando as palavras dos autores franceses: “o *détournement* consiste em produzir um enunciado que possui as marcas linguísticas de uma enunciação proverbial, mas que não pertence ao estoque dos provérbios reconhecidos”. Na sequência, elas apontam a ocorrência de um tipo *lúdico*, denominado como “simples jogos de palavras, como aqueles que as crianças - mas não só elas - gostam de inventar, que não estejam a serviço de uma manobra política ou ideológica” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p. 45), e o tipo *militante*, “que visa a dar autoridade a um enunciado (captação) ou a destruir aquela do provérbio em nome de interesses das mais diversas ordens (subversão)” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p. 45). Dada a vasta possibilidade de construção de sentidos por parte do interlocutor, as autoras ratificam que todos os exemplos de *détournement* são militantes.

A atenção ora proposta neste artigo não está concentrada em detalhar os tipos de *détournement*, mas em verificar, a partir das análises do *corpus*, como a subversão, as

contradições aos textos-fonte, as negativas e os acréscimos de expressões contraditórias contribuem para a compreensão desse fenômeno intertextual. Destacamos o papel dessas retextualizações (MARCUSCHI, 2000) na operacionalização dos tipos de *détournement* e ressaltamos um deles apontado por Kock, Bentes e Cavalcante (2007, p. 51):

détournement de provérbios, frases feitas, títulos de filmes, muito frequente, por exemplo, na publicidade, no humor, na música popular, em “charges” políticas etc.”

E1: ‘O paciente inglês’ (nome de um filme que estava sendo exibido na época.)

E2: ‘O impaciente francês’ (em publicidade de um carro da Renault, apresentada em outdoors).

Para o tratamento dessa materialidade intertextual, as autoras recorrem à Teoria Polifônica da Enunciação, de Ducrot (1980; 1984), que prenuncia, no interior de cada discurso, a identificação de dois enunciadores, em que E1 se apresenta como o enunciador produtor e E2 como o enunciador contraditor do texto-fonte, apresentando pontos de vistas diferentes a um dos quais o locutor acata, defere. Esse ponto converge, em particular, com os desdobramentos polifônicos apresentados por Adam (2011; 2020) para a proposição enunciada. Esse seria, justamente, um dos pontos de aproximação com a ATD que também pretendemos.

Diante desse breve percurso exposto sobre os fenômenos intertextuais, acreditamos que os *détournements* apresentam valor argumentativo, e que poderiam ser delineados também por marcas de valor representativo, da proposição do ponto de vista ou do valor ilocucionário com vistas ao acordo. Somando-se a essa observação, entendemos que o contexto é que determinará as ocorrências para os *détournements*, tratando, como já vimos do seu texto-fonte, da situação imediata ou mediata e da visualidade de sua produção, de seu entorno visual.

A argumentação como instrumento de análise do texto

Na seção anterior, tratamos, particularmente, da intertextualidade com vistas ao peso ou validade do que é utilizado na proposição e às características do *détournement*. Ressaltamos, por exemplo, marcas que poderiam representar também um viés argumentativo, em especial na ordem da polifonia entre valores representados nos textos. Acreditamos que a utilização de teorias que tratam da argumentação para a geração de sentidos nos textos pela LT é algo inerente à própria área, tendo em vista os diferentes olhares que ela tem direcionado sobre a questão, o que nos instiga a trazer como aportes teóricos autores como Amossy (2018) e Adam (2011; 2019; 2020).

Os princípios da análise textual/discursiva (ATD) e a teoria da argumentação no discurso (TAD) expõem olhares complementares sobre o tema. Na ATD, Adam (2011; 2019; 2020) explora para a argumentação os patamares textual e discursivo com noções como a de sequencialidade argumentativa e assunção de responsabilidade enunciativa da proposição e ponto de vista. Na TAD, Amossy (2017; 2018) se concentra na descrição da argumentação no discurso, segundo diferentes postulados teóricos, mas com destaque aos estudos da retórica e Nova Retórica (NR). Nesse âmbito, acreditamos, particularmente, que, nos textos de visada argumentativa, pode haver, para as descrições, contribuições de ambas as áreas.

É nesse sentido que, para este estudo, vamos nos deter às descrições do *corpus*, por uma aplicação da noção de proposição-enunciado como unidade de sentido (englobando as noções de responsabilidade enunciativa/assunção de responsabilidade, representação discursiva e orientação argumentativa) pela ATD e da proposta de análise argumentativa da TAD segundo incursões da NR – como o estabelecimento do contrato persuasivo, buscando pontos de apoio com a intertextualidade também como uma possível instância argumentativa.

Iniciando pela TAD, como dissemos, a proposta de Amossy (2018) tem na argumentação um foco para um entrelaçamento entre as teorias argumentativas e a análise do discurso. A autora busca, assim, utilizar-se de noções advindas de diferentes perspectivas teóricas com o objetivo de contribuir com os estudos discursivos, ressignificando a noção de sujeito, traçando pontos sobre a interação e as modalidades argumentativas. Sobre a noção de sujeito, Cavalcante (2016) afirma que o sujeito da TAD,

segundo seu papel social, seria o elaborador de um projeto persuasivo constrangido por fatores de ordem social, o qual, na interação e pelo uso de um gênero de discurso, marca o pertencimento de sua fala pelo uso de diferentes formas ao argumentar. Ligamos essas formas às estratégias argumentativas escolhidas no sentido de atingir/persuadir um interlocutor, foco da ação argumentativa desenhada no texto. Seu discurso visa instituir o acordo ou, a depender do tema e outros aspectos, marcar o dissenso. Podemos dizer que o orador (locutor, sujeito da enunciação na ATD) seria também a instância da proposição do ponto de vista; ele não só agencia os recursos da materialidade argumentativa de sua fala como também é agenciado por essas instâncias retórico-discursivas, instituindo uma relação entre o texto e seu lugar social de fala.

Convencer ou persuadir se tornam, dessa forma, os objetivos da ação visada, para os quais o discurso é articulado com foco em um interlocutor real, mas também imaginado. Seria nesses limites que o trabalho da autora se combina com a NR de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), pela possibilidade de análise pela visualização do tipo de acordo constituído por provas reais ou pelas crenças e valores admitidos por esses sujeitos. Paulatinamente, o discurso vai-se tecendo pelas duas direções tendo em vista não só a extensão do acordo, como também o tipo de visada desse orador/locutor, em especial se o discurso deseja não só convencer como também tocar seu público.

Desse ponto, outras pesquisas (PINTO; CORTEZ, 2017) já se debruçaram sobre o uso de enseadas argumentativas, como a patêmica, na construção dos discursos, em particular na forma como o ponto de vista é compartilhado com o auditório. Em linhas gerais, o estudo das autoras pousa na relação orador/auditório, indicando que, “por sua natureza dialógica, o discurso comporta como qualidade intrínseca a capacidade de agir sobre o outro, de influenciá-lo” (AMOSSY, 2007, p. 122). Os discursos/textos são arquitetados e neles vão se entrelaçando também outras instâncias textuais e discursivas que, nos limites da interação, como afirma Plantin (2011, p. 18), se tornam argumentativas a partir do momento em que uma diferença de ponto de vista é problematizada em uma questão, ou seja, a argumentação está na “forma de interação problematizante formada de intervenções orientadas por uma questão”, delimitada por

atores da argumentação (proponente/oponente/terceiro) que se engajam ou se distanciam de suas posições de mundo, suas crenças, seus valores.

Paralelamente, selecionamos, como dito, a forma como Adam (2011; 2020) lida com instâncias geradoras de sentido em um enunciado. Na ATD, a descrição da unidade textual elementar, proposição/enunciado, abrange parte do que foi apresentado anteriormente, mas nos limites de uma análise textual dos discursos. Essa proposição aparece dotada de três dimensões: as representações discursivas (valor descritivo de referência do que é dito), orientação argumentativa e a assunção/imputação de responsabilidade ou do ponto de vista representado na proposição pelo locutor/enunciador. No que se refere à responsabilidade enunciativa, o autor faz uma dupla distinção, traçando para a proposição a assunção de responsabilidade, entidade mais específica que acreditamos se aproximar ao que Rabatel (2009) descreve como fonte ou instância de validação do ponto de vista, pressuposto em todo enunciado. A representação discursiva, segundo Adam (2011; 2020), corresponde ao valor descritivo da proposição em termos semânticos, uma representação ou objeto de discurso comunicável. É o tema que é desenvolvido dentro da proposição que também situa os valores e crenças de mundo dos sujeitos. Por fim, à proposição também é dado um valor ilocucionário que a orienta argumentativamente e possibilita o engajamento do interlocutor com o que é dito, segundo uma ação visada.

Apesar de serem tratadas como categorias textuais por Adam (2020), essas noções vislumbram parte da teia argumentativa discursiva expressa nas superfícies textuais. Para nosso estudo, interessa particularmente tratar das representações discursivas e da forma como o dizer (ponto de vista) é assumido pelo locutor/enunciador no interior das intertextualidades, uma forma de acoplagem de um texto em outro. Compreender a forma como esses sujeitos tomam a palavra torna-se importante também como um resgate/observação das crenças e posicionamentos na (re)construção dos sentidos da proposição (produção/recepção do texto). Sua defesa ou exposição, por exemplo, elegem se um texto é de visada ou de dimensão argumentativa (AMOSSY, 2018), ao mesmo tempo em que ele se instaura também na figura das heterogeneidades enunciativas, quando ele, o locutor/enunciador, lida com a assunção ou imputação da

responsabilidade sobre o que diz, como nos índices de pessoas verbais (meu, seu), dêiticos (minha, ontem, aqui), tipo de representação de fala (discurso direto, indireto), fenômenos de modalidade autonímica (como se fiz, no sentido etimológico), entre outros (ADAM, 2011; 2020; RABATEL, 2009).

Análise dos textos digitais

Tomando por base as considerações conceituais realizadas anteriormente acerca da argumentação, características textuais das proposições enunciadas e da intertextualidade, procederemos às análises do *corpus*, tentando evidenciar de que maneira os fenômenos intertextuais citados se colocam a serviço de uma proposta argumentativa, explorando dois exemplos selecionados de mídia digital, usando como ponto de partida a postagem e sua legenda.

Questões metodológicas preliminares

Do ponto de vista da abordagem do problema, este estudo é qualitativo, uma vez que segue três aspectos levantados por Mascarenhas (2018) para caracterização desse tipo de pesquisa. Primeiramente, os dados são, ao mesmo tempo, levantados e analisados. À medida que fomos coletando as publicações do perfil @assistabolsoflix, as primeiras percepções a respeito das categorias de análise e de resultados prévios já iam surgindo. Disso decorre outra premissa apontada pelo autor como de uma pesquisa qualitativa: não se evita a influência do pesquisador nas análises, o que, inclusive, é considerado fundamental. A atuação do pesquisador é entendida, nesse caso, como uma das possíveis leituras autorizadas pelo texto, tendo em vista uma concepção sociointeracional de língua (KOCH, 2017; ADAM, 2011; 2020). Um último aspecto a

considerar sobre a pesquisa qualitativa é seu caráter descritivo, voltado para a compreensão de um objeto, em nosso caso, a construção argumentativa da intertextualidade em postagens do *Instagram*. Nossa proposta passa pela descrição dos fenômenos textuais/discursivos responsáveis por essa construção.

Paiva (2019) inclui, no escopo das pesquisas qualitativas em linguística, a análise de interações, destacando também o caráter interpretativo desse tipo de investigação. Como já destacamos, a interação tomada como foco da pesquisa é a promovida pelas postagens da página @assistabolsoflix, no *Instagram*. Esse perfil é destinado à publicação de memes críticos ao presidente da república e seus aliados políticos, já tendo sido publicadas mais de 375 postagens com as mais diversas configurações, sempre em tom humorístico, apresentando problemas na gestão federal e em todas as esferas políticas e sociais que tenham vínculo ideológico com o presidente.

Para a composição de nosso *corpus*, selecionamos 2 exemplos de postagens em que o fenômeno da intertextualidade se fazia mais evidente. Em todos eles, algum fato ocorrido no âmbito do governo é destacado em relação a outro fato, de um outro domínio discursivo. A primeira publicação foi do dia 26 de outubro de 2021 e faz a intertextualidade entre a passagem bíblica em que Jesus transforma água em vinho e o fato de as populações mais pobres estarem se alimentando de ossos, no lugar de carne, graças às ações do governo. A segunda publicação foi do dia 3 de novembro de 2021 e faz a intertextualidade entre a série espanhola *La Casa de Papel* e as práticas de corrupção existentes no governo federal. Nesse último caso, vamos analisar 2 exemplos dentro de uma mesma publicação.

A partir das imagens da publicação, que apresentam texto verbal e texto visual, e das legendas, vamos identificar algumas das relações de intertextualidade e como elas operam a argumentação dentro dos textos.

Valores textuais de construção da intertextualidade e da argumentatividade

Como dito anteriormente, a geração de sentidos nos textos não só é oriunda de aspectos semânticos ou relacionados à temática como também pode estar presente em outras instâncias, como a enunciativa e a da ordem de orientação argumentativa. Em linhas gerais, como vimos, a natureza dialógica do texto/discurso comporta também uma capacidade de agir sobre o outro e, até mesmo, para os textos de visada, mudar seu ponto de vista sobre um assunto ou influenciá-lo.

A seguir, apresentaremos dois exemplos de como a intertextualidade atua na construção dessa orientação argumentativa, produzindo efeito de crítica humorística a partir do estabelecimento de relações entre textos/discursos.

Figura 1: O Messias bíblico x o messias político @acervobolsoflix em 26/10/21



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CVf3ocdreUf/?igshid=YmMyMTA2M2Y=> Acesso em: 01 jun. 2022.

Na Figura 1, o *détournement* é realizado pela contraposição de duas imagens, sendo a segunda uma edição da primeira; juntas, elas compõem a postagem. Na imagem superior, cujo título é *O Messias bíblico transformando água em vinho*, a referência feita é a uma passagem da Bíblia que narra um dos milagres de Cristo. Na imagem inferior, ao trocarem-se as imagens (i) de Jesus por Bolsonaro, (ii) da água pela carne e (iii) do

vinho pelo osso, acompanhando-se do título *O Messias Bolsonaro transformando carne em osso*, há uma orientação para outro sentido diferente do texto original, o que caracteriza, logo de início, o *détournement*. Agora, o valor de referência encontrado é o fato de que, durante o governo atual, um número alarmante e indignante de pessoas deixaram de consumir carne em suas refeições e tiveram que consumir ossos, graças à situação socioeconômica a que chegou o país por causa das ações do governo. Tem-se, pois, um *détournement* do tipo militante, por causa de sua função de denúncia; pretende-se atacar ações de um governo que agrava a situação das populações mais pobres, dando destaque às consequências dessas ações.

Textualmente, o *détournement* é marcado pelo movimento de acréscimos em relação ao texto-fonte, uma vez que ele é obtido ao se sobrepor imagens sobre a imagem original. Outra marca textual encontra-se na legenda da imagem, que reforça, inclusive, as características da página e do perfil de rede social em que a postagem se encontra. Com o título *Bolsoflix Oficial*, há uma referência explícita ao canal de *streaming Netflix*, que oferece diversos filmes, documentários, séries, etc. As partes em que é composta a legenda (sinopse, gênero, duração, faixa etária) fazem a ligação dos fatos da realidade com uma obra de ficção, como se fôssemos espectadores dos horrores (daí o gênero terror) praticados pelo governo.

A presença do texto-fonte e de todas essas marcas lexicais que indicam, inclusive, a base em outro gênero atestam ser esse um caso de intertextualidade explícita. Aqui, essa explicitude vem para marcar outra orientação argumentativa, diferente da do texto original. Se, inicialmente, o texto bíblico busca passar uma mensagem mais filosófica, como ensinamentos sobre a vida e a fé, na postagem em análise, a função evidente é a crítica. Ainda, o movimento intertextual realizado é o da subversão, construindo-se uma espécie de paródia que visa ridicularizar o governo e suas ações de inegáveis consequências devastadoras para a população.

Pelo uso do *détournement* há um jogo entre o valor representativo do termo “Messias” bíblico e a célebre transformação da água em vinho com um “Messias” político. O jogo argumentativo aqui aparece direcionado não só a esses campos de dizer (religioso/político) como também à menção do dizer do outro para reforçar o ponto de

vista defendido pelo locutor/enunciador da postagem. Nesse texto, a imputação do dizer aparece na legenda *Sinopse: conheça a história do presidente que passou toda a campanha eleitoral dizendo: “Deus acima de tudo”, e até a dizer que seria o Messias brasileiro fazendo alusão ao Messias bíblico, porém, na prática, seus milagres não tão sendo tão bem aproveitados assim pelo público*. Há, nesse caso, uma imputação do ponto de vista de Bolsonaro, que, no momento de pleito eleitoral, usando de valores religiosos para adesão a sua campanha, cria um campo representacional ligando a uma imagem de “salvador” em alusão ao Messias bíblico. Essa imputação utilizada pelo locutor/enunciador da postagem atribui ao segundo Messias, político, uma responsabilização por esse dizer que, na prática, traz um contraste de imagens valorativas (Messias bíblico/Messias político) face ao aumento do preço dos alimentos, sobretudo da carne e sua substituição por ossos.

As potencialidades argumentativas sobre a visada do texto são reforçadas, nesse caso, pela ênfase a uma argumentação em campanha atrelada como acordo com o público aos valores religiosos. O presidenciável, na época, usava um discurso conservador, marcando-se como evangélico, religioso *etc.* Na postagem, essa postura recebe um valor altamente polifônico, caracterizando a visada do texto em criticar os atos do presidente e expressar o ponto de vista do locutor/enunciador em relação aos dois momentos (antes de ser eleito e durante seu mandato) e em alusão aos milagres do Messias bíblico e seus próprios milagres, que não estariam contribuindo para o povo, como os do primeiro Messias.

Outra crítica ao governo atual também é estabelecida no perfil @assistabolsoflix, desta vez dando destaque aos inúmeros atos de corrupção amplamente praticados por todos que o compõem, como é bastante noticiado na imprensa. É esse o destaque da Figura 2, a seguir.

Figura 2: La Casa de Mamata @acervobolsoflix em 01/11/21



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CVf3ocleUf/?igshid=YmMyMTA2M2Y=> Acesso em: 01 jun.2022.

Essa postagem, composta de 3 (três) imagens com legenda única, o *détournement* é realizado, logo de início, pelo jogo lexical entre o título da famosa série espanhola *La Casa de Papel* e o título subvertido *La Casa de Mamata*. Também a reprodução da logo da série, com a troca das palavras, é outra marca intertextual encontrada na publicação. Da mesma forma que, no exemplo anterior, outras marcas textuais aparecem na legenda, ao indicarem-se, novamente, sinopse, título do filme, duração e faixa etária, fazendo referência aos acontecimentos de corrupção no governo federal. Há, no entanto, um outro recurso, diferente do que acontece no anterior, que é a presença de outras imagens na mesma postagem, o que reforça seu caráter intertextual. É o caso da foto de um *outdoor* com a divulgação do lançamento da quarta temporada da série *La Casa de Papel*, indicado na Figura 3, a seguir.

Figura 3: La Casa de Papel @acervobolsoflix em 21/11/21



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CVf3oclrUf/?igshid=YmMyMTA2M2Y=> Acesso em: 01 jun.2022.

O conjunto das imagens nos fornece uma quantidade maior de elementos para identificação da intertextualidade na postagem e seus movimentos argumentativos estabelecidos. A partir da indicação do cartaz de divulgação da série, por exemplo, percebemos que o *détournement* é construído também na mudança de orientação argumentativa de um texto para o outro. No texto-fonte, a função de promoção da série em seu momento de estreia é marcada por diversos elementos, como a logo da *Netflix*, a indicação de que todos os episódios estão disponíveis, uma imagem representativa dos personagens, etc. Já no texto elaborado pelo perfil @assistabolsoflix, essa funcionalidade dá lugar a outra, agora de crítica em relação à corrupção do governo, com elementos como a foto do presidente de mãos dadas e conversando com o ministro da fazenda, a logo “bolsoflix” e a frase em destaque, com um jogo de palavras: “Do Bolsa Família para o bolso deles”, fazendo referência aos desvios de verbas e à finalização de um programa assistencial para dar lugar a um programa eleitoral, como apontado na própria legenda da postagem.

Observa-se, mais uma vez, o *détournement* do tipo militante, já que o texto realiza uma crítica com o intuito de conscientizar, por meio do humor, seus interlocutores a respeito dos crimes cometidos pelo governo. A subversão, nesse caso, é dada pela troca de elementos do texto-fonte, diferentemente do exemplo anterior, em que houve acréscimo, sobreposição de elementos. Aqui, a imagem da série é trocada pela foto do presidente e do ministro, a logo da *Netflix* é trocada pela da *Bolsoflix*, as frases que acompanham os cartazes também são trocadas, tudo para construir essa intertextualidade com vistas à crítica.

Com relação à construção de uma intertextualidade explícita, nesse segundo caso, há uma particularidade em relação ao primeiro, no qual todo o material textual é apresentado em uma só imagem, sem que seja preciso que o leitor faça movimentos mais complexos para a leitura. No exemplo *La Casa de Mamata*, o texto-fonte acompanha o *détournement*, e o leitor tem acesso às duas versões, podendo estabelecer comparações diretas entre uma e outra. Esse movimento de leitura é permitido pela própria dinâmica do *Instagram*, que possibilita uma postagem com até 10 imagens, na ordem escolhida pelo enunciador, podendo ser construída uma narrativa quadro a quadro. É nessa composição que fica mais evidente, para o leitor, a presença do texto-fonte e, conseqüentemente, a explicitude na intertextualidade com as trocas dos valores de referência para marcar também a visada argumentativa do texto. Da mesma forma que, no exemplo anterior, como já indicado, as marcas de sinopse de filme na legenda também ajudam nessa identificação.

Outro aspecto a ser levantado, então, é que há uma mudança de orientação argumentativa do texto-fonte para o *détournement*. De um texto do campo da publicidade, voltado para aspectos mais relativos ao cinema e ao entretenimento, passa-se a um texto do campo da crítica política, com intenção pragmática de denunciar casos de corrupção e de uso da máquina pública para fins eleitoreiros, como é explicado na legenda da postagem. O recurso utilizado para efetivar a subversão que caracteriza a intertextualidade, nesse caso, é a paródia, uma vez que a crítica, em tom humorístico, distorce a função do texto original.

As potencialidades argumentativas sobre a visada do texto são reforçadas, nesse segundo caso, pela ênfase a uma argumentação em campanha atrelada como acordo com o público aos valores éticos, contrários à corrupção, além de uma assunção de seu ponto de vista “*O que você não estava esperando é que Bolsonaro aproveitou o marketing da série e tbm lançou sua última cartada: La casa de Mamata pra mim, fim do bolsa família p vc!*” na tentativa de gerar a persuasão, visada argumentativa do texto. Pretende-se, pois, dissociar a imagem falsamente construída por Bolsonaro como defensor da ética e contrário à corrupção, explicitando que seu governo é baseado em muitas ações corruptas ou com fins eleitoreiros.

Considerações finais

Na análise dos textos publicados no *Instagram*, levamos em consideração os principais aspectos textuais responsáveis pela marcação da intertextualidade, embora reconheçamos que haja outras possibilidades de identificação no mesmo texto. Destacamos, principalmente, as marcas textuais impressas nas postagens, o jogo enunciativo para a construção da visada argumentativa do texto pelo *détournement* e o papel da legenda no reforço das marcas intertextuais no *Instagram*.

De um modo geral, percebemos o uso do *détournement* como uma estratégia argumentativa recorrente no perfil do *Instagram* para fazer críticas de caráter político, trazendo textos de outros domínios discursivos e com outros valores representativos (o religioso e o publicitário) para o político, com temas como as condições de vida da população e a corrupção. Tais temas não são escolhidos à toa, mas vêm dos discurso do próprio presidente, que toma como bandeiras de campanha aspectos que ele próprio já provou ser totalmente contrário. Enquanto afirma fazer melhorias pela população, as ações do presidente trazem consequências desastrosas para o povo. Enquanto afirma ser contra a corrupção, não param de ser noticiados escândalos de corrupção no governo.

Essa percepção é aproveitada nas publicações para contextualizar o leitor no intertexto estabelecido.

Também percebemos uma distinção entre as duas postagens por causa de sua configuração e das legendas combinadas. Enquanto, na primeira, texto-fonte e *détournement* são apresentados numa só tela, na segunda, são imagens diferentes que constroem esse conjunto, fazendo com que o leitor precise realizar movimentos mais elaborados para interpretar o *détournement* como um todo. Ambos os exemplos são de intertextualidades explícitas, mas com diferentes possibilidades de construção amplamente marcados pela argumentatividade. Por fim, no que diz respeito aos processos de sentido pelo arcabouço da TAD e LT, a marcação pelos valores de referência, orientação argumentativa e o tipo responsabilidade enunciativa, mostraram-se como pontos de apoio para as análises, servindo como contraste para a visão construção da argumentação e gerência do acordo/persuasão.

Referências

ADAM, Jean-Michel. **A linguística Textual**: introdução à análise textual dos discursos. Tradução de Maria da Graça Soares Rodrigues *et al.* São Paulo: Cortez, 2011.

ADAM, Jean-Michel. **Linguistique textuelle**: introduction à l'analyse textuelle des discours. 4. éd. Paris: Armand Colin, 2020.

ADAM, Jean-Michel. **Textos**: tipos e protótipos. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante *et al.* São Paulo: Contexto, 2019.

AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Coordenação da tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. Coordenação da tradução: Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.

BARTHES, Roland. **O prazer do Texto**. Tradução de Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1974.

CAVALCANTE, M. M. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. **ReVEL**, [s. l.], edição especial, v. 14, n. 12, 2016.

CAVALCANTE, M. M *et al.* (orgs.). **Linguística textual e argumentação**. Campinas: Pontes, 2020.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

DUCHET, C. Pour une sociocritique ou variations sur un incipit, **Littérature**, [s. l.], n. 1, fev. 1971.

DUCROT, O. *et al.* **Les mots du discours**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1984.

FÁVERO, L. L. *et al.* Interação em diferentes contextos. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez: 2010.

MAINGUENEAU, D; GRÉSILLON, A. **Polyphonie, proverbe et détournement**: ou un proverbe peut en cacher un autre. Langages, n. 73. Paris: Larousse, 1984.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**: trajetórias e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, I. G. V. Flagrantes da construção interacional dos sentidos. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. (orgs.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2017.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais**: o que são e como se constituem. Recife: UFPE, 2000.

MASCARENHAS, S. A. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2018.

PAIVA, V. L. M. de O. e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PERELMAN, C.; OLBRECTHS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PINTO, R.; CORTEZ, S. L. Do pathos retórico à ‘empatia rabateliana’: argumentação emocionada em textos/discursos polêmicos. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 2, n. 36, jul./dez 2017.

PLANTIN, Christian. Análise e crítica do discurso argumentativo. **EID&A – Revista Eletrônica de estudos integrados em discurso e argumentação**. Ilhéus, n. 1, nov. 2011.

RABATEL, A. Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée... **Langue Française**, Paris, n. 162, 2009.

VIGNER, G. Intertextualidade, norma e legibilidade. *In*: GALVES, C.; ORLANDI, E. P.; OTONI, P. (orgs.). **O texto: leitura e escrita**. Campinas: Pontes, 1988.

Recebido em 26/09/2022.

Aprovado em 02/12/2022.